

Sugerido novo plano para a renegociação

Ao tomar posse, ontem, no cargo de presidente do Sindicato da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos, o empresário Nildo Masini defendeu a renegociação da dívida externa, mediante a suspensão, por três anos, de qualquer pagamento, nem do principal nem dos juros, e após esse período um prazo de carência de oito a dez anos e pagamento em 20 anos. Isso, em sua opinião, seria a única forma de não criar maiores constrangimentos ao Brasil junto aos credores externos. "Há muito tempo já tenho dito que os atuais gestores da economia estão exauridos e sem credibilidade por parte da sociedade brasileira", prosseguiu, salientando a necessidade de mudanças firmes no governo.

Já o empresário José Mindlin afirmou que três anos de carência e oito anos para pagamento do principal é pouco, mas não conseguiu precisar o prazo de amortização do principal sem ter maiores conhecimentos sobre o seu montante. Acredita, porém, que em três anos é possível pagar os juros, desde que não às taxas atuais e muito menos com a tendência altista e, de qualquer forma, acha positiva a atual linha do governo de procurar uma renegociação mais a longo prazo, e não a cada três meses, como estava sendo feito.

Em seu discurso de posse, no Clube Atlético Paulistano, com a presença do governador Franco Montoro, o ministro do Trabalho Mu-

rilo Macedo, o comandante do II Exército, Sérgio Ary Pires, e outras autoridades governamentais, Nildo Masini fez severas críticas ao atual modelo econômico. Segundo disse, o País tem vivido momentos incertos, cheio de diagnósticos e receitas, num total desnorteamento. A realidade, porém, em seu entender, tem mostrado que é hora não de modelos sofisticados, mas de reimplantar o mínimo de ordem. "É urgente passar-mos para a administração da crise e deixarmos um pouco de lado a teorização de suas causas. Vivemos, hoje, horas de pronto-socorro e precisamos de providências bem ordenadas e não entretenimentos teóricos", afirmou.

Segundo Masini, hoje, mais do que nunca, é preciso agilidade com segurança, o que significa medidas rápidas e ordenadas, sem artificialismos, visando a um programa explícito, porque "todos queremos saber para que estamos fazendo tamanho sacrifício". Ele destacou que esse espírito pragmático é comum no dia-a-dia do empresariado brasileiro e destacou que, em primeiro lugar, deve-se pensar em "ordem da casa", e, em seguida, em reativação, conquista de mercados e expansão. Tudo isso é feito com previsões pelo empresário brasileiro, pois, se ele sabe que a consequência é imprevista, evita um curso de ação que leve a uma quebra, já que, se ela ocorrer, "é na nossa casa e não na do vizinho", acrescentou.